



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

INÊS DOS SANTOS

(entrevista)

São Paulo, SP

2019

LECCORPO-CEFIS-UNIVASF

ESEFID - UFRGS

FICHA TÉCNICA



Fotografia produzida, em maio de 2019, em São Paulo (SP). Da esquerda para a direita: Inês dos Santos e Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Projeto: Mulheres nordestinas na arbitragem do futsal: institucionalização e trajetórias, dissertação de autoria de Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Número da entrevista: E-921

Nome do/a entrevistada: Inês dos Santos.

Local da entrevista: São Paulo (SP).

Entrevistador/a: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Data da entrevista: 25/05/2019.

Transcrição: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Copidesque: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Pesquisa de termos: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Revisão Final: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 57 minutos e 42 segundos.

Páginas Digitadas: 27.

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual pratico para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: SANTOS, Inês dos. Entrevista concedida por Inês dos Santos ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador/a: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UFRGS, UNIVASF, SÃO PAULO (SP), 25 maio 2019, 30p.

SUMÁRIO

Relação com o futsal; Formação do quadro nacional de árbitras da CBFS; Árbitras nordestinas; Questões de gênero na arbitragem; Pontos positivos da arbitragem feminina; Possíveis causas do número reduzido de árbitras de futsal; Definição de ser “mulher árbitra”; Inês dos Santos e a formação do quadro feminino; Considerações finais.

São Paulo (SP), 25 de maio de 2019. Entrevista com Inês dos Santos (I.S.) a cargo do/a pesquisador/a Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima (M.L.) para o Laboratório de Estudos da Cultura Corporal da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

M.L. - Entrevista com Inês dos Santos, São Paulo, dia 25 de maio de 2019, às dez horas e trinta e dois minutos. Qual seu nome completo?

I.S. - Inês dos Santos.

M.L. - Data de nascimento?

I.S. - 31 de maio de 1961.

M.L. - Onde nasceu?

I.S. - Bernardino de Campos, estado de São Paulo.

M.L. - Sua escolaridade?

I.S. - Segundo grau completo. Sou formada como Corretora de Seguros e Contabilidade [riso].

M.L. - Como e quando começou teu envolvimento com o futsal?

I.S. - 1971. Eu conheci uma amiga na escola, no colégio, e ela jogava bola e me levou para assistir o jogo, aí me convidou para jogar e eu... não sabia jogar bola [riso]. E aí elas me colocaram na arquibancada para anotar os gols e aí eu fui... Daí eu comecei a acompanhar.

M.L. - Então não foi atleta?

I.S. - Ruim de bola, viu! [riso]. Não, fui não. Joguei, fiz dois gols, mas era ruim [risos].

M.L. - E como é que o futsal feminino começa a fazer parte da tua trajetória de vida?

I.S. - Em 1982, 1983 a gente... Como eu disse, eu comecei a ir acompanhar os jogos e aí acabei ajudando as meninas na organização e o primeiro time que eu... que a gente montou, na época, acho que foi o Independente e a gen... Eu era supervisora, cuidava da parte, vamos dizer assim, burocrática da equipe, né? Mas foi assim, acompanhando os jogos e o pessoal me pedindo para ajudar na organização, aí a gente come... Comecei assim.

M.L. - Então sempre ligada à questão mais de logística do futsal das equipes? Não adentrava a quadra?

I.S. - Não, nunca fui treinadora e não tenho paciência não. Meu negócio era realmente organização, né? Era ser uma supervisora, uma diretora. Era ser a chamada Cartola do time.

M.L. - E a Confederação, como e quando você passa a fazer parte da instituição?

I.S. - Ah! Mas antes da Confederação, eu trabalhei com a organização de algumas equipes... Depois que eu comecei com a equipe, né, eu fui Independente, a equipe do União, aí foi quando a gente começou a ganhar títulos e aí eu entrei na Federação Paulista. Eu fui dirigente da Federação Paulista muito tempo. Primeiro como anotadora. Eu fazia estatística e depois eu virei Diretora do Departamento Feminino. Aí quando foi em 2001, fui convidada pelo Carlinhos Bitencourt para ir para Confederação. Aí o Sunumura, que era da Federação Paulista, também me indicou e foi aí que eu virei Diretora em 2001.

M.L. - Ocupava o cargo de Diretora... Qual diretoria, no caso, você ocupava?

I.S. - Eu fui... Eu entrei como Diretora do Departamento Feminino para organizar as competições femininas.

M.L. - Então continuou na logística dos eventos?

I.S. - Continuei. Sempre na parte de organizar os eventos, promover, procurar patrocinador que era a parte mais difícil, né? E sempre nessa área.

M.L. - E a tua atuação era restrita a seleção feminina?

I.S. - Não, era organização das competições. Eu fui convidada para organizar o futsal feminino dentro da Confederação. Organizar competições.

M.L. - E a questão do patrocínio já era complicada desde aquela época?

I.S. - Era, era complicado, mas quando... na época já tinha os correios, né? Então já ficou um pouco mais fácil, mas mesmo assim, a gente tinha que procurar nas competições as cidades que iriam sediar os eventos. Você tinha que fazer esse contato. Você tinha o patrocínio da Confederação, mas as cidades tinham que sediar os eventos e patrocinar, né?

M.L. - No caso, a Confederação entrava com a logística e as cidades sedes bancavam o quê, nessas competições?

I.S. - A Confederação, ela entrava com a verba para ajudar; ela entrava com a parte dos árbitros - que ela tinha que pagar a parte da arbitragem - e as cidades era alojamento, alimentação e os clubes tinham que cuidar... os clubes cuidavam da locomoção das suas equipes até o local do evento.

M.L. - Ainda pertence ao quadro da Confederação?

I.S. - Não, não. Eu saí da Confederação em 2005. Aí em 2005 eu voltei para associação SABESP¹ onde eu fui Dirigente por muitos anos, fiquei até 2008, aí eu parei com o futsal feminino.

M.L. - Houve algum motivo específico para você sair do cenário do futsal feminino que possa externar?

I.S. - Foi à política, né? Em 2005 teve a... Como é de conhecimento de todos, teve um problema muito sério lá de política dentro da Confederação e eu acabei saindo por causa disso. Eu não sei “ser” política, então eu saí.

M.L. - A SABESP é um clube de São Paulo?

I.S. - É um dos maiores clubes de futsal feminino, um dos mais vencedores do Brasil. Eu entrei na SABESP em mil novecentos e noventa e seis e fiquei até 2001, aí eu fui para Confederação e fiquei na Confederação de 2001 até 2006. Depois eu voltei para SABESP e fiquei até 2008 e saí definitivamente do futsal feminino.

M.L. - E a SABESP ainda existe, ainda está no meio do futsal brasileiro?

I.S. - A Associação SABESP ainda existe. Hoje eles têm uma parceria com a cidade de São Bernardo do Campo, mas eles estão com uma equipe bem mais modesta. Eles tiveram boas jogadoras. As maiores jogadoras do Brasil jogaram lá, né? Preta, Ceci, Roseli, a Formiga, todas jogaram lá. Elas jogavam campo e salão com a SABESP, mas a SABESP hoje tem uma equipe modesta que disputa os campeonatos aqui em São Paulo e disputa os Jogos Regionais por causa da cidade de São Bernardo, um contrato que eles têm. Então eles disputam os Jogos Regionais, mas a associação SABESP existe; a Cristina é que é a treinadora, está lá até hoje.

M.L. - Então é uma associação esportiva com equipe de mulheres, treinada por mulher?

I.S. - Ah, sim. Lá sempre foi. A Cris sempre foi à percussora do futsal feminino no Brasil. Foi a primeira treinadora da Seleção Brasileira. Quando em 2002 ou 2003, montamos a primeira seleção - 2002 ou 2003, agora não me lembro direito – e fizemos um amistoso com o Paraguai, em Londrina, a Cris já era a treinadora.

M.L. - Inês, nas literaturas que se tem acesso, nos trabalhos acadêmicos, se fala muito do processo de criação e normatização do quadro feminino de Oficiais de Arbitragem da Confederação Brasileira de Futebol de Salão. Como é que essa criação, esse processo aconteceu?

¹ Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo.

I.S. - Quando eu entrei para ser Diretora, eu tive uma reunião com Paraguassu e comentei com ele se ele tinha árbitras pelo Brasil. Ele pegou e citou que tinha e tal. Aí na primeira competição que eu fui Dirigente, em Valinhos, eu vi uma árbitra aqui de São Paulo apitando, a Rita, e eu fiquei impressionada com o nível técnico dela. E aí eu falando com o Paraguá: “Paraguá, aí em São Paulo tem a Rita, onde tem mais?” Aí ele citou: “Olha, eu conheço as árbitras da Paraíba, a Renata e a Alane, e tem árbitra também na Bahia.” Aí eu peguei e falei para ele: “então vamos montar o quadro feminino! Porque se você tem árbitras no Brasil todo, vamos montar o quadro feminino!” Eu falei assim: “eu quero as competições do meu Departamento do Futsal Feminino arbitradas por árbitras femininas”. Aí nós começamos: em 2001, foi uma árbitra; 2002, em Brasília, já foram duas, que foi a Jaqueline e a Alane, do Ceará; depois em 2003, já foram mais quatro árbitras. Aí na primeira competição de sub 20, em 2003, já foi todo o quadro feminino. Então, desde 2003, pelo menos até onde eu sei - hoje eu estou afastada há um tempo - todas as competições femininas são apitadas por árbitras femininas. Desde 2003.

M.L. - E por que esse quadro foi criado? O que a motivou a fazer a leitura dessa necessidade?

I.S. - Olha, nós tínhamos um problema quando os árbitros iam para as competições do feminino. Na realidade, a gente tem competições extra-oficiais desde 1988. 1988, 1989, 1990, sempre nós tínhamos alguma competição nacional. Aí a Confederação foi oficializar em 1992. E sempre iam uns árbitros, é vamos dizer assim, não iam os melhores, sabe, iam aqueles que já estavam meio... como direi? Vou usar a palavra “meio encostado”. Então quando tinha uma competição do feminino - também não era nem culpa deles, porque o feminino como tinha pouca verba, a nossa verba da arbitragem também era menor - então eles iam. Não iam os árbitros de primeira linha, então nós tínhamos alguns problemas com a arbitragem. E quando eu vi o nível da árbitra feminina, e conversando com o Paraguá, e ele falou que tinham outras melhores também, em outros estados, eu falei então: “Por que não?” Em vez de você colocar um árbitro de “segunda linha”, você coloca a arbitragem feminina de primeira linha. Foi assim que começou.

M.L. - Então havia na instituição, na Confederação, a distinção entre Departamento Masculino e Departamento Feminino?

I.S. - É. Exatamente. Na realidade, os árbitros... Por que iam os árbitros, vamos dizer, de segunda linha? Por causa do valor. Nós tínhamos pouca verba e eu não poderia levar um árbitro FIFA para coisa, né? Apesar que eles apitavam alguns jogos quando dava, mas a gente não tinha verba para levar, então iam os árbitros de segunda linha. Então era por isso que o nível não era legal. E o feminino já estava num nível muito avançado, porque como eu citei a você, nós tínhamos jogadoras da Seleção Brasileira de campo que jogavam salão. Então o nível era alto e a arbitragem tinha que acompanhar o mesmo nível.

M.L. - Tinha que ser equiparada?

I.S. - Equiparada, exatamente. Quando eu pedi, quando eu falei com o doutor Aécio e falei com o Carlinhos, eu falei: “Olha, eu quero as meninas” e ele falou assim: “Se você do Departamento quer e você acha que vai dar certo...” Eles assinaram embaixo, mandaram e autorizaram a gente montar o quadro. Foi muito rápido porque, graças a Deus, a gente tinha árbitras muito boas por aí. Eu realmente fiquei assim, é... surpresa. Quando a gente foi, montou, fez a primeira competição e o nível que foi, sabe? Os problemas, assim... vou dizer para você que reduziram pela metade os problemas, as reclamações que a gente tinha com a arbitragem.

M.L. - Então foi uma aposta que deu super certo?

I.S. - Ah, e eu apostei assim, de peito aberto. Porque, primeiro, algumas árbitras eu conhecia, algumas eram ex-jogadoras e a gente conhecia, sabia de como elas eram, então a gente já tinha uma ideia. O Paraguassu, que era já o Diretor, ele já tinha visto. Quando eu montei o quadro, se eu não tiver enganada, a Alane e a Renata já tinham apitado um jogo, um amistoso da Seleção lá no Nordeste. Então, se elas já apitam amistoso da Seleção [riso], elas podem apitar todas as competições femininas, né? Não tinha dúvida disso.

M.L. - Inês, como você avalia a participação das árbitras...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]²

M.L. - Inês, como você avalia a participação dessas árbitras nas competições que eram organizadas pela Confederação, naquela época?

I.S. - Ah, excelente. Nós não tínhamos nenhum problema. Elas eram muito bem atualizadas, preparadas e elas estavam procurando um espaço, né? Porque elas queriam também apitar as competições masculinas, e muitas meninas, a partir das competições femininas, pelo destaque delas, elas começaram a ser escaladas para competição masculina também. A partir do destaque no feminino elas começaram a ser escaladas para competições do masculino também. Algumas já apitavam né, o masculino, mas deu uma... vamos dizer assim, deu uma abertura maior para elas.

M.L. - Você ainda acompanha essas atuações hoje?

I.S. - Muito pouco. Eu... eu costumo dizer que quando você está no esporte e você se afasta, é como se você terminasse um namoro e você gostasse ainda, entendeu? Eu sempre falo isso para o pessoal. O pessoal me cobra: “Ah, você não vem!” Eu falo: “Gente, é namoro que você terminou gostando. Se você ficar vendo, você vai ter uma recaída”.

M.L. - Acaba voltando.

I.S. - É, aí como fica? Estava ficando muito puxado, porque o futsal feminino foi ficando profissional, entendeu? Então você tinha que se dedicar por mais tempo e eu não tinha esse tempo... A minha profissão, tenho minha empresa, eu não tinha como desvencilhar... Eu cito numa matéria aí, que o meu sonho era cuidar só do esporte, mas eu não consegui. Não dava para eu sair do meu trabalho, né? Então foi ficando muito puxado, cansativo e eu não tinha final de semana. Toda a noite tinha que ir para treinamentos, reuniões. Nós tínhamos todas as categorias de base. Categoria de base treina todo mundo, todo dia tem treino, então ficou muito complicado, entende? E mesmo na Confederação eu precisava... Como a gente criou... A partir do momento que eu entrei, a gente criou as competições da categoria de base, então sempre tinha competições para viajar, sempre tinha... Então não tinha condições. Começou a ficar muito puxado e aí eu resolvi parar.

² A entrevistada atendeu ao telefone.

M.L. - E você hoje tem que outra função?

I.S. - No esporte, nenhuma. Saí completamente.

M.L. - E fora dele?

I.S. - Sou corretora de seguros.

M.L. - Aí para aliar as duas coisas...

I.S. - É difícil, é complicado.

M.L. - E nesse quadro, quando ele foi criado, que você acompanhava esse trabalho dessas árbitras que chegaram para ocupar o espaço com bastante propriedade, você conseguia avaliar a arbitragem das nordestinas dentro desse cenário nacional?

I.S. - Ah, elas... Tanto que eu citei para você, que quando a gente... quando eu sentei com Paraguassu para a gente conversar sobre o assunto, ele falou assim para mim: “Olha, lá no Nordeste, as duas melhores...” - na opinião dele, na época: “Olha, as duas melhores árbitras que ficarão no quadro, são do Nordeste”. Seria a Alane e a Renata que ele tinha como destaque, principalmente a Alane. Na época, a Alane já estava um degrau acima. A Renata tava ainda começando e a Alane já tava... Tanto que quando nós escalamos em 2002, em Brasília, nós chamamos a Jaqueline, que era de Brasília e que já era mais veterana e era árbitra de campo também, e a Alane, entendeu? E ela veio como uma das principais árbitras do quadro. A Alane era, na época, uma das principais árbitras do quadro.

M.L. - E além dessas, de Renata e de Alane, alguma outra conseguiu destaque nesse cenário nacional que você possa referendar?

I.S. – Sim. A Meirinha, da Bahia. A Meirinha apitou finais de competições. Ela era muito boa. Poucas do Nordeste. Não me lembro agora, não me lembro.

M.L. - A senhora, enquanto incentivadora do futsal e da arbitragem feminina, percebia ou percebe diferenças no trato de árbitros e árbitras, por parte de dirigentes, atletas, técnicos, torcidas?

I.S. - No futsal feminino não tinha problema, não; muito pelo contrário, sempre que a gente fazia reuniões das competições, o pessoal... a gente avisava: “Olha, vai ser árbitra feminina” e o pessoal sempre reforçava, sempre queria as árbitras femininas. E a gente não teve nenhuma dificuldade em criar o quadro. Quando a gente falou: “Olha, não vai mais...” Na realidade a gente não falou nada. No congresso técnico, a gente falou: “olha gente, essa competição agora vai ser só árbitra feminina”. Tivemos todo o apoio dos dirigentes.

M.L. - E a torcida, houve alguma atitude que fosse contrária a essa novidade em quadra?

I.S. - Não, a torcida... A torcida, com árbitro, ela sempre age do mesmo jeito, sendo homem ou sendo mulher. Se ela não gostar, se a torcida não gostar da marcação, ela vai reclamar, não importa se é homem ou mulher. Eu pelo menos nunca senti essa diferença. Ou homem ou mulher eles vão reclamar. A torcida é passional.

M.L. - A institucionalização e consolidação do quadro feminino de arbitragem da Confederação ocorreram em 2003, na Taça Brasil Feminina, Sub 20, em Chapecó (SC). O que essa mudança gerou no cenário do futsal brasileiro?

I.S. - Eu não entendi muito bem sua pergunta.

M.L. - Não? Vamos lá... O que acontece? Vocês pensaram o quadro, criaram o quadro em 2003, como você falou anteriormente. Foi uma competição somente arbitrada por mulheres em quadra e também com anotadoras e cronometristas. Essa mudança, no cenário nacional da arbitragem de futsal, o que ela gera em termos de percepção dos que estavam alheios a esse processo?

I.S. - A repercussão foi muito boa, porque, na realidade, elas já estavam apitando desde 2001. Foi o que eu disse para você: em 2001, uma árbitra; 2002, duas árbitras e assim

sucessivamente. E aí, em 2003, na primeira competição que foi na Taça Brasil, em Belém do Pará, que foi arbitragem metade masculina e metade feminina, ficou nítida a diferença técnica. Os jogos arbitrados pelas meninas foram muito bons e não tivemos problema nenhum. Então os dirigentes que estavam na competição do sub 20, que foi tudo árbitra feminina, eles já sabiam o nível das meninas da outra competição e puderam medir a diferença do árbitro masculino naquela competição. Então quando a gente colocou só árbitra feminina no sub 20, o pessoal gostou e a repercussão foi muito boa, né? E lá já se revelou meninas que a gente ainda não tinha visto apitar, que foi a Gi e a Katússia - que são árbitras e que depois foram pro quadro da FIFA - e as meninas que já estavam apitando e que vieram do Nordeste. Elas já estavam apitando outras competições e não tiveram problema nenhum; muito pelo contrário...

M.L. - Então em 2002 havia sempre na quadra um homem e uma mulher? Seria essa a escalação?

I.S. - Sim. Em 2001 só havia uma árbitra... Foi uma competição aqui em São Paulo e só tinha uma árbitra. Então sempre ela apitava com os meninos e depois em 2002, também. Ainda em 2002, na final do campeonato, havia árbitras femininas e árbitros masculinos. A final do campeonato quem apitou foi a Alane e a Jaqueline; foram essas duas árbitras porque elas se destacaram; a diferença era muito grande.

M.L. - E a primeira árbitra que você referenda na sua fala inicial, sabe precisar quem seria ela e de onde seria?

I.S. - A que apitou em 2001?

M.L. - Sim.

I.S. - Era a Rita, aqui de São Paulo.

M.L. - Inês, existe alguma característica na condução das partidas que você acha que são peculiares às árbitras?

I.S. – Sim. Elas são mais, vamos dizer assim, pacientes, tá? Eu percebi uma diferença: elas são mais conhecedoras da regra, são mais atualizadas, então fica mais fácil elas chegarem e explicar para um... Ela apita, ela faz uma marcação e ela tem mais facilidade para explicar ao atleta ou dirigente ou treinador... ela tem mais facilidade para explicar o que ela apitou se não foi entendido, né? Eu acho que elas são mais desenvoltas, tem maior conhecimento da regra e são mais disciplinadoras; elas se impõem mais. E o fato de estarem apitando um jogo feminino, mulher com mulher, é mais fácil você falar, é mais fácil você se comunicar. Então elas tinham essa facilidade e mais o conhecimento de regra. Então o pessoal percebia. Isso eu via de jogadoras de seleção, tá, elas não discutiam muito, porque elas viam que as meninas sabiam o que estavam fazendo. Elas não discutiam. Era muito difícil você ver uma jogadora de alto nível discutindo com uma árbitra. Lógico tem um “não entendi”, “não concordei”, mas era muito difícil porque elas respeitavam demais.

M.L. - Então a grande peculiaridade seria essa forma do trato e do conhecimento técnico da modalidade?

I.S. - Exatamente. Elas sabiam se comunicar com as jogadoras na quadra e com os treinadores e elas transmitiam, para quem tivesse assistindo e para quem tivesse na quadra, que elas tinham conhecimento da regra. Eu percebi logo no começo, quando eu comecei a conviver com as meninas, que elas tinham muito conhecimento da regra e era mais fácil elas apitarem por causa disso. Elas estavam sempre atualizadas e era o conhecimento da regra que fazia elas serem respeitadas dentro da quadra.

M.L. - Esse fato de estarem sempre buscando se atualizar, estarem sempre apitando o melhor possível, seria uma busca de aceitação, uma busca de conquista de espaço num cenário que é masculino, desde a sua origem?

I.S. - Eu acho que era um diferencial das meninas. Elas sabiam que tinham que ter um diferencial para brigar nesse mundo masculino, então qual o diferencial delas? Era o conhecimento, né, o conhecimento. Senão ficava mais difícil e a mulher sempre tem mais facilidade para se atualizar. Ela consegue né... Eu acho que a mulher é mais organizada. Você sendo mais organizada, você sabe que tem que estar com o conhecimento do que

você esteja fazendo. Então elas tinham essa facilidade e se atualizavam. Em minha opinião, esse era o diferencial das árbitras do futsal feminino: o conhecimento e a atualização.

M.L. - Quando eu entrevistei Paraguassu, ele disse que na época da criação do quadro feminino, você era, inicialmente, a interlocutora entre as meninas, as árbitras, e ele, né? Você era mulher, elas tinham uma aproximação maior com você e que você era a ponte entre elas e ele; que muitas das coisas que elas falavam no vestiário chegavam até ele via você... Então, como é que você vê essa sua construção de pontes entre você, o quadro feminino e Paraguassu enquanto Diretor de Arbitragem da Confederação?

I.S. - Essa facilidade de eu me comunicar com as meninas veio porque eu era dirigente, né? Eu tinha equipes femininas desde 1981, então eu tinha muita facilidade do vestiário, de acalmar vestiário, de conversar com as jogadoras. Para mim as meninas da arbitragem era como se fossem umas filhas atletas, né, então eu tinha essa facilidade. E como eu sou mulher, elas também tinham mais abertura para conversar comigo, então eu ia passando isso pro Paraguassu, porque ele tava no universo masculino também. Então eu passava alguma coisa que elas queriam falar e ia os aproximando. Era uma forma de facilitar o convívio, porque nem todas as competições eu estaria junto com ele. E como a intenção dele, quando ele começou ver o nível técnico das meninas, a atuação das meninas, era levar essas meninas pro masculino, então ele tinha que ter uma maior aproximação com elas. Então foi isso. Eu fazia isso, eu facilitava o contato entre eles pela minha facilidade em lidar com as meninas.

M.L. - Inclusive ele referencia essa sua ponte como algo imprescindível, tanto à normatização do quadro, quanto a manutenção e também o aprimoramento desse quadro. Ele fala muito bem dessa sua ponte, desse seu trabalho, e por várias vezes externou que devia muito a essa parceria contigo para que o futsal feminino, a arbitragem feminina, chegasse ao nível que chegou. Esse reconhecimento dele veio na fala do mesmo durante a entrevista concedida a mim. E assim, eu queria te passar essa fala dele, pois como ele próprio disse: “Fala a Inês que eu disse isso.”

I.S. - [risos] Eu sei, Paraguassu é amigo. Eu, na realidade, baseada nas informações dele e dos árbitros de outros estados, baseada nas meninas que eu vi apitando aqui em São Paulo,

eu cheguei e falei assim: “eu não quero!” Eu fui taxativa e falei: “eu não quero mais árbitro masculino apitando os jogos femininos! Eu não quero! Nós temos árbitras em todos os estados, em todas as regiões, então nas competições que eu organizar...” Eu fui taxativa e pedi pro Doutor Aécio e falei... E o Doutor Aécio disse: “Não, se você quer, se você arca com as responsabilidades [riso], tudo bem.” Eu falei: “eu tenho certeza que não vou ter problema”. E não me arrependi até hoje. Nunca vou me arrepender.

M.L. - E graças a você estamos hoje com um quadro feminino formado, consolidado e referendado, porque inclusive Paraguassu me relatou que na CONMEBOL³, se eles pudessem, eles só escalariam árbitras brasileiras, porque disse que o nível técnico do Brasil com relação a outros países Sul-Americanos, está muito além das outras árbitras.

I.S. – É. Eu já tive a oportunidade de ver e a diferença é muito grande. É um oceano de diferença. Mas é porque elas apitam muito aqui. Tem meninas que quando vieram para o quadro feminino já apitavam o masculino, né? Algumas árbitras, principalmente as meninas do Nordeste, elas já apitavam lá. Então elas têm muita experiência.

M.L. - Inês, como é que você percebe a participação das árbitras em competições masculinas de um modo geral? Como é que é essa condução no universo de partidas masculinas?

I.S. - Me desculpa, repete a pergunta, por favor.

M.L. - Como é que você percebe a mediação das partidas masculinas cuja gestão é de uma árbitra?

I.S. - Olha, sem problema nenhum. Eu já assisti competições, jogos importantes de Liga Nacional, clássicos, sem problema nenhum... Eles respeitam, né? No começo alguns jogadores não respeitavam, mas hoje o respeito é mútuo, vamos dizer assim... Eu que vi as meninas começando, é até emocionante ver o que eles, os jogadores de alto nível, até de seleção brasileira, é... o respeito que eles têm. E eu sei que muitos deles comentam: “Olha, melhor do que trazer esse árbitro aí, é trazer as meninas para apitar [riso]”. Eu sei de

jogadores de alto nível que já comentaram isso, entendeu? Pedindo para as meninas apitarem os jogos.

M.L. - Inês, existe alguma situação que aconteceu durante uma partida de futsal, seja ela masculina ou feminina, que tinha uma árbitra mediando essa partida, que tenha te chamado a atenção de uma forma positiva?

I.S. - [silêncio]. Partida masculina, você diz?

M.L. - Ou masculina ou feminina. Algo assim, que foi bastante chamativo e que te marcou enquanto precursora dessa criação, dessa normatização?

I.S. - Ah, eu acho que a firmeza com que elas apitam. Elas são muito detalhistas e elas têm muita confiança no que elas tão apitando, porque é o que eu disse, elas têm conhecimento da regra, elas são atualizadas, então a firmeza com que elas apitam e o respeito que se tem com o que elas apitaram, entendeu? Com o que elas marcaram. O que chama atenção é a coragem, né? Quando é um jogo masculino [riso]... A coragem, é o conhecimento e o respeito que elas transmitem, entendeu? O pessoal respeita muito quando elas transmitem isso. Quando elas apitam, você vê que o pessoal pode até reclamar, mas eles reclamam com certo respeito. Pouquíssimos problemas aconteceram. Tiveram problemas, claro! Você está mexendo com emoção, com competições e muitas competições que elas já apitaram aí com atletas de alto nível, clubes que investem muito, então existe problema. Agora, são poucos os problemas que aconteceram, pelo menos que eu tive conhecimento, né, até hoje.

M.L.- E houve algum fato, em algum jogo, em alguma competição, que lhe chamou a atenção, que lhe encheu de orgulho, com relação... “Poxa! Eu tenho o dedo nessa criação aí!” Que tenha te marcado enquanto idealizadora desse quadro junto com Paraguassu?

I.S. - Ah, sim. Eu fui convidada uma vez, acho que foi para ir para João Pessoa... A Alane, eu acho que a Alane e a Renata, apitaram um amistoso de seleção e eu fiquei muito orgulhosa de vê-las apitando; jogos da Liga Nacional que eu assisto na televisão, né, de ver

³ Confederação Sul-Americana de Futebol.

apitando. Várias situações de orgulho... E os jogos internacionais que eu assisto, né? Quando a Renata foi lá pro Mundial e eu a segui em alguns jogos e a certeza... Na época eu fiquei feliz que o Brasil foi para final e ganhou a competição e fiquei triste porque se o Brasil não vai para a final, a Renata iria, com certeza. Então eu fiquei dividida, porque eu tinha certeza que ela iria apitar a final.

M.L. - E aí o coração bate mais forte?

I.S. - Ficou dividido, ficou dividido [riso]. Mas o Brasil estava precisando de um Mundial, então eu falei: “ah! A Renata vai ter outra oportunidade...” [risos].

M.L. - E houve algum fato que te marcou de forma negativa com relação a essas meninas atuando, ou em competições masculinas ou em competições femininas, vindas de torcidas, de algum atleta, dirigente ou técnico?

I.S. – Olha, não me lembro de nenhum. Nós tivemos um problema aí numa competição, mas não vale nem a pena, porque isso aí é interpretação, entendeu? Você ah... O dirigente interpretou uma coisa, a árbitra interpretou outra e não houve um entendimento, as pessoas reclamaram, mas num... Eu acho que o quadro feminino, as árbitras... vamos dizer assim... O lado positivo é o nível de acerto que é tão grande, que você ter um problema por causa de uma interpretação... Inclusive tudo que é interpretação cria problema, né? Porque o nome já diz. Eu acho que a regra deveria ser um pouco mais objetiva [riso]. Ela não é clara, nunca foi. Então eu acho que quando gera um problema por causa de interpretação, não é um erro técnico, é um erro de interpretação, então acho que não tem como... Como aconteceu em 2002 - eu sempre gosto de citar isso - porque que lá eu bati o pé e falei... depois de lá eu falei: “eu não quero mais os árbitros!” Porque nessa competição de 2002, a diferença técnica entre Jaqueline e Alane e os árbitros que foram, era tão grande... Houve um erro técnico tão grande lá de um árbitro, um senhor já - não me lembro qual o nome dele. Foi uma coisa tão gritante que Paraguassu marcou até uma reunião extra. Então era muito diferente. Quando eu vi aquela diferença eu falei: “gente, não tem que ter dúvida. Nós vamos montar o quadro feminino. Por que que nós vamos carregar um problema desse numa competição nossa?” Foi um *erro gravíssimo!* Criou um problema e foi por um erro técnico, erro técnico. Um erro técnico que é por falta de

atualização, falta de capacidade. Eu costumava dizer pro pessoal: “olha, eu não quero!” Eu sempre falei [riso] isso: “eu não quero mau árbitro, em má fase constante, apitando minhas competições. Não quero! Quero as meninas. Eu nunca tive problema com má árbitra, com má fase”. Eu nunca tive esse tipo de problema com o feminino. Com o masculino eu tive.

M.L. - É o que a gente chama de *erro de fato e erro de direito*, né?

I.S. – Não. Erro de interpretação não é erro técnico. Erro técnico é o desconhecimento da regra. Erro de interpretação não. Ela interpretou, o árbitro interpretou, e o atleta, o dirigente, não entendeu a interpretação, né? Interpretou de outra forma. Não é que não entendeu, né? E isso é um problema que vai existir para sempre na arbitragem, seja no campo ou no salão. O quê é que se tá fazendo hoje para melhorar isso? Colocando a tecnologia para *amenizar*.

M.L. - E ainda não resolve.

I.S. - Não resolve, porque os caras estão interpretando imagem, então não vai resolver.

M.L. - Por que é aquela coisa, no calor do jogo, quem sabe o que tá se passando somos nós que estamos ali.

I.S. – *Exatamente*. Vocês estão... Tem uma pessoa, eu não me lembro agora o nome dele, um comentarista, que ele fala assim: “Quem está lá...” Na realidade quem fala isso é o Silvo Luiz, o locutor esportivo. Ele fala: “Quem está sentindo a partida, quem está sentindo o calor do jogo, quem está perto, é o árbitro”. Então o que ele apitou, o que ele entendeu, o que ele interpretou, já que a regra é interpretativa, tem que ser dele. Quer dizer, tem que ser primeiro dele, que tá próximo, para depois se ouvir os outros. Por isso que eu não... Essa agora com o VAR⁴, eu acho que o pessoal tem que ouvir mais o que o árbitro está falando. Lógico que ele erra. Aí vai corrigir, vai evitar um problema, mas ele está ali do lado, ele está muito próximo. A interpretação... Tem que ser levado em consideração mais o que ele está apitando do que o que o outro lá de longe está vendo.

M.L. - Sentado na cabine, no ar condicionado...

I.S. – Isso é uma coisa, tá ali no calor do jogo é outra coisa.

M.L. - Inês, que avaliação faz a respeito da inserção das mulheres no cenário do futsal brasileiro, seja como atletas, como técnicas, como árbitras, como dirigentes?

I.S. – Olha, eu sinto não ter mais árbitras, não ter mais dirigentes femininas, né? Eu acho que não foi dado o espaço necessário, né? Para a gente chegar no nível que chegou o futsal feminino, a gente teve que brigar muito, teve que dar a cara para bater, teve que encarar, entendeu? Bater no peito e falar: “não, eu acredito!” E tem que ter o espaço. Se você não tiver um espaço, você não consegue. Tem que ir abrindo o espaço e eu senti não ter tanto... Eu sinto, por exemplo, a Seleção de Futsal feminina não ser dirigida por mulher, eu sinto a Seleção de Futebol de campo feminina... Não que a Seleção de Futebol de Salão não seja bem dirigida... Se eu não me engano hoje é o Wilsinho...

M.L. - Isso.

I.S. - Mas é uma pena que não tenha uma mulher hoje que consiga, que dê uma sequência, porque no passado tivemos, né? A Cris foi a primeira treinadora, mas a Cris, coitada, ela carrega a vinte, trinta anos sozinha. É só ela brigando contra todo mundo, sabe? Só ela de mulher aí na história... Então não foi criado espaço e não apareceram pessoas para brigarem, para chegarem e abrirem o espaço, né? Porque se você ficar esperando alguém vir buscar, não vem; você tem que abrir o espaço como a gente fez na época. Eu fui abrindo espaço: “olha, eu quero, eu vou...” Sabe? Foram muitas noites indo para competições masculinas para fazer contato com dirigentes, para conseguir alguma coisa. Agora se você não abre espaço, e você não tem espaço, fica difícil.

M.L. - No geral, você acha ou você percebe que há alguma diferença de tratamento ou de reconhecimento entre árbitros e árbitras?

⁴ Do inglês, Video Assistant Referee ou videoárbitro.

I.S. - Olha, eu não vejo, não vejo isso, quer dizer, o problema é que existe... não adianta você falar “não tem o machismo”, né? Vai ter. Sempre vai ter! Mas é... no futebol de salão, eu não vejo isso, tá. Lógico que tem muito mais árbitros, porque é mais fácil, eles tem mais... vamos dizer assim, tem mais material humano para ter arbitragem, mas eu acho que se tivesse mais mulheres apitando em alto nível, seria um pouco mais fácil, é que é a história da quantidade, né? Cê tem poucas árbitras, mas as poucas que tem eu acho que ocupa um espaço [riso] até... até relativamente bom.

M.L. - Você fala que tem poucas árbitras, né, aí eu te faço uma pergunta: ao que você atribui esse número tão reduzido de mulheres dentro da arbitragem de futsal?

I.S. - Olha, é... é difícil, porque todas as árbitras têm outra atividade e aí fica difícil de você fazer duas atividades. Eu parei mesmo com o esporte foi por causa disso, porque chegou um momento que ficou difícil de eu continuar. Começou a ficar cansativo você ficar com duas atividades. E as meninas são a mesma coisa. Todas elas têm uma profissão e aí é o que eu falei para você, teria que aparecer mais mulheres dispostas a esse sacrifício, porque não dá só para viver da arbitragem; se desse teria mais; como não dá, então teria que aparecer mais corajosas para poder dividir né, para poder trabalhar e encarar esse desafio que é um desafio que não é fácil. É complicado porque é muito tempo longe da família, muitas competições, enfim, *é difícil*. E aí você ter outras atividades? Fica mais complicado. Tem que ter coragem, tem que ter disposição [silêncio] e é difícil.

M.L. - E é aquela coisa, é você ter seus vários papéis, né, a mulher árbitra, a mulher mãe, a mulher esposa, então esse conciliar dos vários papéis, das várias demandas diárias é que, na tua opinião, emperram esse surgir de novas árbitras?

I.S. – É, exatamente! A dificuldade, né? A dificuldade porque você não consegue viver só da arbitragem e... Aí você... todo esse sacrifício precisa valer a pena, então... você precisa ter coragem, então... Se você não conseguir conciliar tudo isso, você acaba parando, né? Muitas pararam. Eu conheço várias que não deram sequência a carreira... isso no salão, no campo foi por causa do preconceito, né? As meninas foram muito, muito... qualquer... sabe, o erro do masculino era superado, era compreendido ou superado e das meninas, não. No campo é muito mais complicado, porque envolve muita grana, muito mais dinheiro,

muito mais poder e aí um erro era fatal. Então por isso que elas... não vingou o quadro no futebol de campo. Agora, no futebol de salão, é porque você não consegue viver só da arbitragem e aí fica difícil de você manter duas profissões paralelas.

M.L. - Como você conceituaria, qual adjetivo você utilizaria hoje para definir a mulher árbitra dentro do cenário do futsal brasileiro?

I.S.- Ah, hoje tá mais... já foi melhor, né? As meninas já tiveram mais espaço, já apitaram jogos mais importantes. Mas assim, o quadro não evoluiu, né? Elas ficaram aí no quadro da FIFA, as meninas que apitam... Para você poder apitar [riso] um jogo de Liga Nacional, você tem que ter o escudo da FIFA no peito, pros caras respeitarem um pouco mais, para não ter problema. E não evoluiu o quadro... A gente montou o quadro e não foi adiante, quer dizer, não apareceram novas árbitras para poder aumentar esse quadro. Então eu acho que já foi melhor. Hoje deu uma estacionada. Praticamente são as mesmas meninas aí há algum tempo, né?

M.L. - Se você pudesse adjetivar a mulher árbitra, qual adjetivo você utilizaria para essas mulheres?

I.S. - É [silêncio]...

M.L. - Dá uma qualidade... Numa palavra, digamos assim, o que definiria para você ser mulher árbitra no cenário do futsal de outrora ou de agora?

I.S. - Ah, eu acho que são muito capazes. Elas são... Um adjetivo para elas? Eu acho *excelente* [riso]! A capacidade delas, o conhecimento... eu diria que são ótimas... e *heroínas* [riso].

M.L. - Inês, além do que nós falamos aqui, do que eu te instiguei a responder, existe alguma outra informação, algum outro fato, que você queria registrar nesse momento e que nós não tenhamos conversado?

I.S. - Eu acho... Não me vem à memória agora não [silêncio]. Tem uma, tem uma, vamos dizer assim, uma passagem. Eu vou dizer a palavra... deixa eu lembrar aqui quando foi [silêncio]. Deve ter disso em 2003, 200... Não vou lembrar o ano, mas foi quando estávamos montando o quadro. Foi no começo do... quando a gente tava montando o quadro, eu fui participar de um torneio internacional. Eu fui convidada como dirigente da Confederação a participar de um torneio em Cascavel. A gente tava... eu acho... nós não tínhamos montado, a gente tava... acho que foi em 2002... a gente tava montando, pensando em montar o quadro, e nós fomos apitar lá e tinha um árbitro da FIFA apitando - eu prefiro não nominar - e lá ele apitou junto com a Katiússia que tava começando lá no Paraná e que depois virou árbitra do quadro da FIFA. E a Katiússia... Ele apitou o jogo e ele não deixou ela apitar, né? Ele apitou no pé dela e eu fiquei indignada com aquilo, indignada. Aí quando acabou o jogo eu fui falar com a Katiússia e falei para ela: “olha, gostei”. Falei: “nós estamos montando o quadro. Você provavelmente vai ser convidada. Fique tranquila. Eu vi o que aconteceu. Não se preocupe”. Porque eu vi que ela ficou muito nervosa. Ela sabia que eu estava lá. Eu falei: “eu vi o que aconteceu, fica sossegada que isso não vai ser levado em consideração, ele não deveria ter feito isso e tal”. E esse árbitro veio falar comigo depois: “Olha Inês, legal, a gente tá apitando o feminino. Parabéns!” O cara veio me cumprimentar e aí falou para mim: “Olha, sempre que você precisar da gente [riso], você pode contar com a gente para apitar jogos femininos que a gente tá, né, sempre vou estar a sua disposição”. E eu tava muito puta com ele, pelo que aconteceu, aí eu peguei, virei para ele e falei: “olha, obrigada, eu agradeço, mas nós temos um quadro de árbitras femininas agora. Espero nem tão cedo precisar de árbitro masculino [riso]”. Aquilo lá me deu mais vontade ainda de investir na arbitragem feminina, porque eu fiquei muito brava. E ele nunca mais apitou jogo feminino, nunca mais. Ele era árbitro da FIFA e nunca mais apitou, porque o que ele fez lá foi um absurdo. Ele poderia ter encerrado a carreira da menina se eu não tivesse lá observando. Ela tava começando. Então ele deve ter gostado muito de ver ela na FIFA depois [risos].

M.L. - Então para que ele referendasse a autoridade FIFA dele, ele teria tido uma gestão de partida totalmente equivocada?

I.S. - *Totalmente!* Ele poderia ter... Ela tava começando, né, é complicado, imagina... Eu imagino como ela ficou. Só que ele deveria ter orientado. Se ele achava que ela não tava

apitando - era um jogo simples de apitar - ele que fosse lá e orientasse, não ele apitar no pé dela. Ele praticamente anulou, ele não deixava ela apitar. Então aquilo foi um fato que eu nunca esqueci, porque eu encarei como uma humilhação, entendeu? E não se humilha ninguém, principalmente em público... Aliás, não se humilha em lugar nenhum e eu entendi como uma humilhação. Eu tomei as dores dela e fui lá e falei para ele. Conversei com ela e depois falei para ele, entendeu? Ele poderia ter feito de outra forma, ele poderia, aliás, ele deveria ter orientado.

M.L. - Até pelo escudo que ele estava no peito, pela condição que tinha.

I.S. - Não massacrador. Ele foi um massacrador. Não gostei mesmo.

M.L. - Quer dizer, aí vem à questão... percebe-se que, não só a questão do escudo, mas tem a questão da relação do homem com a mulher.

I.S. - É. Eu sei o que ele quis mostrar. Acho que talvez o... E já era de conhecimento, naquela competição, já era de conhecimento que nós estávamos montando o quadro feminino. Ele sabia, então ele poderia ter falado qualquer outra coisa para mim: “Olha, se você precisar de uma palestra, se você precisar da...” Não! Ele falar: “Se você precisar de um árbitro para apitar o feminino...” Ah, mas ele me deu a deixa para mim dar uma resposta para ele.

M.L. - Ele te deu munição [risos]?

I.S. - Deu, deu munição [risos].

M.L. - E aí ele ouviu o que ele...

I.S. - O que ele tinha que ouvir! Não é o que ele não queria ouvir, era o que ele tinha que ouvir! E ele nunca mais apitou, não deixei mais. Eu falei: eu não quero! Eu não tive nenhum problema. Não me arrependo!

M.L. - Que bom que a tua postura foi essa, foi de consolidação do quadro. O trabalho que estava sendo feito para se consolidar um quadro que, naquela época, já era realidade pela atuação das meninas que você já conhecia, que Paraguassu já te referendava... Havia uma aposta, mas não uma aposta aleatória, uma aposta com competência técnica no que ia ser feito.

I.S. – *Exatamente!* Então... 2003 nós tivemos um problema num jogo importante. Tava começando, acho que era a primeira competição que tinha metade/metade, né. Sei lá, quatro árbitras e quatro árbitros. E esse jogo foram duas árbitras que estavam apitando e deu problema... com o tribunal envolvido, mas a gente não, a gente não titubeou. Resolvemos, foi pro tribunal, quem tinha que ser punido foi, e as árbitras foram orientadas depois pelo Paraguassu e continuamos, e mesmo com esse problema ninguém... Na próxima competição nós colocamos só árbitra feminina. Ninguém contestou a nossa decisão, porque é como falei para você, foi um fato isolado e ele poderia ter... Nem os dirigentes, porque isso chegou aos Tribunais. A Confederação poderia falar: “Olha Inês, pô, a primeira competição que você põe meio a meio dá um problema?” *Não*, pelo contrário. Lógico que foi tudo relatado, eles verificaram que foi um erro de interpretação que gerou toda a confusão, mas eles continuaram e nem me perguntaram: “Você quer continuar?” Porque se perguntassem eu já tinha, eles sabiam a resposta, então na próxima... naquele mesmo ano foi tudo mulher e foi um sucesso, foi um sucesso. E depois eu fiquei sabendo que aquela confusão que gerou, naquele jogo, foi umas... vamos dizer assim, umas fofoquinhas, comentários de árbitros que estavam lá fora, dos caras que tavam lá, entendeu? Com uma outra árbitra que tava e que não vingou depois, por quê? Porque fez, porque queria tá apitando, sabe, aquelas histórias. Então a gente já cortou.

M.L. - Seria a busca de espaço a qualquer preço?

I.S. – É, exatamente. Foi o que gerou a confusão. Foi o que gerou a confusão. E aí a gente já cortou. Na próxima, essa árbitra não foi e depois... e os caras também nunca mais foram. Eu não sei nem se agora tá tendo o mascu... Atualmente, foi o que eu falei para você, eu me afastei e eu acabei... Num tempo eu até acompanhava pelo site da CBFS⁵ os jogos, a arbitragem, depois eu num... eu não sei nem se... mas pelo que eu vi, o

comentário, é que agora deve tá indo árbitro masculino, eu não sei se tá indo, na competição feminina.

M.L. - As competições que eu participei foram apenas mulheres.

I.S. - É... então eu não sei.

M.L. - Eu não sei se eles estão mesclando. A última que eu saí foi nos Jogos Universitários, em Cuiabá. Eu apitei a final com outra mulher.

I.S. - É, pode ser problema financeiro, né? A CBFS tá tendo muito problema financeiro. Pode ser que eles coloquem algum árbitro masculino, mas eu não sei. Espero que não.

M.L. - Inês eu queria...

I.S. - Ia ser um retrocesso.

M.L. - Oh! Depois de tanta... de tanto investimento de tempo, de esforço, né?

I.S. - Ah, sim.

M.L. - Seria você retroceder num processo que foi inédito.

I.S. - É. Com certeza!

M.L. - Um processo vitorioso, que deu bons frutos e que é algo que hoje virou realidade, né?

I.S. - É. Eu acho que todas as Federações hoje têm quadro de árbitras e elas apitam em suas Federações. Abriu-se um espaço para meninas, porque como elas têm o escudo da CBFS e vão apitar uma competição nacional, por que não apitar as competições femininas e masculinas de seus estados?

⁵ Confederação Brasileira de Futebol de Salão – Futsal.

M.L. - Isso.

I.S. - Eu acho que abriu um espaço até hoje para meninas, né?

M.L. - É... você pensou num macro, mas a gente, a nível de micro, conseguiu um espaço em função desse macro que foi aberto, né?

I.S. - Foi, porque não adianta... Olha, ela apitou numa competição nacional! Não interessa se feminino ou masculino, ela apitou, então ela tem capacidade de apitar uma competição regional, uma competição estadual, por que não?

M.L. - O norrau foi dado, né?

I.S. - Foi dado. É lógico! E nessas competições que elas iam, elas tinham reuniões diárias com Paraguassu, comigo - mais com Paraguassu – pois a parte técnica da arbitragem era mais com ele, então elas tavam se atualizando, então não adianta, elas já vinham, vamos dizer, no currículo, com uma competição nacional, atualizações. Então isso pesava. Quando chegava ao estado elas tinham espaço para apitar, né?

M.L. - Eu sou prova [risos] disso, né? Você passa a ter, diante dos outros que compõem a tua Federação, você passa a ter uma visão... As pessoas te veem de uma forma diferente. “Ela foi para uma competição nacional.” Nesse contexto o erro tem que ser praticamente zerado. Podem até existir os erros de interpretação, mas você tem que estar lá no melhor nível técnico possível.

I.S. - *Tem!*

M.L. - Até porque lá são competições de investimento maior, de atletas de alto nível, de treinadores que têm um norrau nacional e até internacional, que você tem que tá lá para dar o teu melhor e evitar qualquer tipo de erro, né?

I.S. - Exatamente. E o Paraguassu, essas reuniões que ele faz diariamente e deve fazer até hoje, né?

M.L. - As planificações de arbitragem.

I.S. - É. Então ele anotava e eu anotava e falava com as meninas, então aquilo lá era corrigido depois do jogo. No outro jogo você já via que não ia acontecer. Não acontecia. O erro que aconteceu numa partida, na outra não acontecia, entendeu? Se acontecesse de novo já era aquilo que eu falei para você, já não era uma interpretação, era erro técnico, então aquela árbitra tinha que ir para uma reciclagem, uma orientação maior por parte do Paraguassu para ela poder ficar no mesmo nível que as outras.

M.L. - E essas correções são muito marcantes e importantes para gente que vai a uma competição. Acabou o jogo, toma banho, janta e tem reunião tal hora. E antes do jogo também sentamos para rememorar o que foi dito. Como você diz, essa massificação da questão técnica é muito importante para que se minimizasse, ao maior nível possível, a questão dos erros.

I.S. - Exatamente. E como a gente tinha conhecimento, né? Eu tava muito tempo com o futsal feminino, então esse conhecimento que eu tinha das pessoas, das jogadoras, dos dirigentes, eu poderia... eu passava para as meninas. Eu falava: ô, esse jogo vai ser complicado! Fulano é... Então elas já iam pro jogo com conhecimento de quem... elas sabiam o que elas iam apitar, entendeu? Elas já sabiam, falava: Olha, não adianta, essa treinadora é assim, vai falar isso, não... Aquela jogadora tal, ela é assim... Então elas já sabiam. Então é diferente. Você vai sabendo o que você vai apitar.

M.L. - Qual cenário está posto.

I.S. - Qual cenário. Olha... então quando acontecia o fato, elas já tavam sabendo ou elas poderiam na hora que entrasse na quadra, conversar, porque... Esse fato... é diferente. Você chega e você conhece a jogadora ou o jogador... “Puxa, essa árbitra conhece o que tá fazendo. Ela sabe o que tá fazendo. Ela me conhece”. Então ele vai pensar duas vezes antes de fazer alguma coisa e o treinador também.

M.L. - É por que eles querem te testar a todo tempo, né?

I.S. - Exatamente, entendeu? Então eles são... Aí você se... Você sabia. Ele percebe que você conhece, aí ele vai pensar duas vezes, ele vai te respeitar, *no mínimo*, te respeitar, entendeu? E se ele tentar te desafiar - ele pode até tentar te desafiar - mas ele fala: “Não, não adianta. Ela me conhece, ela vai...” Isso é muito importante. Eu acho que você saber, conhecer o que você tá... Lógico! [risos] Não é uma coisa... no feminino são menos equipes, é mais fácil, né. No masculino não é tão fácil, os clubes são conhecidos e tal, mas é bom você ir pro jogo sabendo o que você vai encarar. E às vezes o jogo é tão tranquilo, que você acaba e fala: “Oxe, mais...” Não, mas é melhor você ir pensando que você vai ter uma dificuldade maior, porque a dificuldade menor que você tiver, cê tira de letra.

M.L. - Com certeza!

I.S. - Eu penso assim, né?

M.L. – Inês, quero te agradecer imensamente por essa tua valiosa contribuição e dizer que a gente tá muito satisfeita. Tê-la conhecido pessoalmente, para mim, foi uma honra. Tudo que você me relatou aqui eu vou transcrever e vou te devolver depois para que você possa acrescentar ou retirar informações. Caso lembre de mais alguma coisa, poderá acrescentar. Muitíssimo obrigada. Tê-la em nossa pesquisa como colaboradora é algo fantástico.

I.S. - Tá bom, eu... Se eu lembrar de mais alguma coisa, porque a gente tá falando aí desde oitenta e um, oitenta e dois, são quarenta... quase quarenta anos aí então é muito tempo e eu parei fazem quase dez anos, né? Então fica... às vezes a gente acaba... a memória falha um pouco, né, mas se eu lembrar de alguma coisa... Eu agradeço aí a lembrança e a oportunidade de relembrar boas coisas. Porque o futebol de salão para mim foram só coisas boas, né? Então é bom lembrar. Foi até legal, eu comecei a mexer nos meus arquivos para pegar o material, né... a gente começa a lembrar das coisas boas, é legal.

M.L. - Que bom! Muito obrigada! Tê-la achado aqui, ter esse contato pessoalmente foi...

I.S. - Estou sempre à disposição. Se precisar de alguma coisa, fico à disposição.

M.L. - Obrigada mais uma vez.

I.S. - Boa sorte para você, no seu trabalho.

M.L. – Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]